

desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB*

Can the art be therapeutic? Reflections starting from the work developed with patients of the “third age” in the atelier of the life of the Institute of Psychiatry of UFRJ - IPUB

Ana Maria Tavares Cavalcanti⁽¹⁾, Cristina Loureiro⁽²⁾, Eliane Santos⁽³⁾, Maria Cristina Reis Amendoeira⁽⁴⁾, Maria Tavares Cavalcanti⁽⁵⁾

CAVALCANTI, A. M. T.; LOUREIRO, C.; SANTOS, E.; AMENDOEIRA, M. C. R.; CAVALCANTI, M. T. Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 3, p. 118-22, set./dez. 2003.

RESUMO: O trabalho com a expressão artística no ateliê de artes visuais integra as oficinas de arte do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB, o Ateliê da Vida faz parte do projeto terapêutico multidisciplinar desenvolvido no setor de psicogeriatrica, intimamente comprometido com as transformações na assistência psiquiátrica. Para as pessoas com mais de sessenta anos, as oficinas de arte têm cumprido papel terapêutico e fundamental na melhora da qualidade de vida pois, além de proporcionar a atividade artística, são espaços de convivência, favorecendo a ampliação do círculo de relações, diminuindo a ação da solidão e do isolamento social que frequentemente acompanham o envelhecimento. A velhice, como destino biológico, é uma realidade que pode tornar-se dramática em consequência da discriminação por conta de fatores psicológicos e sociais. Várias dificuldades psíquicas podem se agravar nessa fase e o temor inconsciente da morte aumenta, organizações psíquicas patológicas podem se manifestar através de reações depressivas, paranóicas ou maníacas. A atividade artística desenvolvida com esses pacientes no ateliê, auxilia-os no resgate de sua autonomia e auto-estima. Percebe-se, nessa experiência, que os pacientes na idade avançada podem assimilar novas representações em sua vida psíquica, experimentando um novo sentido de identidade e reatando contato com fontes internas de vitalidade através da relação com a atividade criativa. Desse modo, a arte é uma tentativa de cada um para dar sentido a suas experiências internas que o identificam como ser humano.

DESCRITORES: Idoso. Terapia pela arte. Oficinas de trabalho.

* Resumo das comunicações apresentadas na Mesa Redonda *Paisagens do Tempo no Trabalho da Arte*, organizada pelo Centro de Estudos do Instituto de Psiquiatria (IPUB) da UFRJ, realizada em 6 de dezembro de 2002 no IPUB.

⁽¹⁾ Doutora em História da Arte pela Université de Paris 1 – Panthéon/Sorbonne; Artista plástica; Pesquisadora bolsista da FAPERJ junto à Escola de Belas Artes da UFRJ.

⁽²⁾ Artista plástica pela Escola de Belas Artes da UFRJ; Assistente Social pela Escola de Serviço Social da UFRJ; Coordenadora da Oficina de Desenho e Pintura do Ateliê da Vida / IPUB / UFRJ.

⁽³⁾ Artista plástica pela Escola de Belas Artes da UFRJ; Arte-terapeuta; Coordenadora do Ateliê da Vida do IPUB/UFRJ.

⁽⁴⁾ Mestre em Ciências da Saúde; Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Médica do CDA – Centro para pessoas com Doença de Alzheimer e Outros Transtornos Mentais na Velhice – IPUB/UFRJ.

⁽⁵⁾ Doutora em Psiquiatria pelo IPUB/UFRJ; Professora Adjunto e Diretora Clínica do IPUB/UFRJ; Supervisora do Ateliê da Vida do IPUB/UFRJ.

Endereço para correspondência: Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. Avenida Venceslau Brás, 71, Fundos. CEP: 22290-140 Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ipub@ipub.ufrj.br

INTRODUÇÃO

Quando falamos de arte, podemos abordá-la a partir de múltiplos pontos de vista. É comum conceber a obra de arte como um documento histórico que narra o cotidiano humano em vários momentos e lugares do mundo. Por outro lado, a arte é compreendida como manifestação de posturas individuais perante a vida, sendo a obra de arte um meio de comunicar idéias (FRANCASTEL, 1993). Uma terceira abordagem concebe a criação artística como atividade terapêutica, uma via de contato do sujeito com suas emoções. É esse ponto que nos interessa aqui, ao refletir sobre o uso da arte para amenizar o sofrimento humano.

Mas será que a arte possui esse poder terapêutico? Percebemos que, freqüentemente, uma insatisfação acompanha o trabalho artístico. No processo criativo, o desejo de alcançar beleza, equilíbrio ou a expressão de um sentimento, é real, mas não se pode prever o caminho que leva a esse resultado (PAREYSON, 1993). Quando pega no pincel e espalha as cores sobre a tela, o pintor tem a sensação de tatear no escuro. Vai colocando essa cor aqui, outra ali, e logo refaz tudo porque “ainda não é isso”. Em todas as linguagens artísticas experimenta-se esse processo de caminho que se faz caminhando. Assim, existe um potencial terapêutico na arte, mas não se trata da eliminação do sofrimento, e sim da possibilidade de enfrentar as dificuldades da procura, e da alegria de encontrar algo de que se suspeitara. A necessidade humana de recriar a realidade busca na arte um canal de expressão que traz alívio emocional.

Foi no final do século XIX, com a arte moderna, que surgiu a compreensão da capacidade da arte em aliviar os sofrimentos dos que a produzem. Os artistas modernos reivindicaram a autonomia da arte, liberando-a da tarefa de reproduzir o mundo visível. No início do século XX surgiram diversos movimentos em que a experimentação artística dava o tom. Com o Expressionismo e o Surrealismo, o processo artístico foi concebido como um extravasar de sentimentos, e os aspectos psicológicos ganharam destaque. Essa nova concepção da atividade artística tornou possível o reconhecimento da qualidade das obras de pacientes psiquiátricos. Artistas e psiquiatras como Max Ernst e Walter Morgenthaler começaram a analisar essas produções. Paul Klee e André Breton ficaram fascinados pela espontaneidade dos trabalhos de alienados (MELLO, 2000). Dubuffet e o Grupo CoBrA encararam a arte dos doentes mentais e das

crianças como a única arte genuína. Por nascer livre de influências estéticas, Dubuffet deu-lhe o nome de *arte bruta*, e interessou-se profundamente por essa produção (DUBUFFET apud MELLO, 2000).

O trabalho com a expressão artística

No Brasil, a arte dos doentes mentais ganhou visibilidade em 1929, quando Osório César reuniu em seu livro *Expressão Artística nos Alienados* a experiência acumulada na produção de pintura, poesia e modelagem, dos doentes do Hospital Juqueri, em São Paulo (CÉSAR, 1929). Os trabalhos de Osório foram enviados a diversas personalidades, inclusive Freud que dispôs-se a publicá-los na Revista Imago.

O trabalho com a expressão artística em hospitais psiquiátricos brasileiros ganhou novo impulso nos anos 40, quando a psiquiatra Nise da Silveira buscou novas abordagens terapêuticas. Procurando alternativas ao coma insulínico e ao eletrochoque, Dra. Nise fundou ateliês de pintura e modelagem para os pacientes da Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, onde trabalhou de 1944 a 1975. Ali, esquizofrênicos puderam ter espaço e afeto para expressar suas emoções profundas, criando obras de inestimável valor científico para a compreensão do processo psicótico.

Ainda nos anos 40, Mário Pedrosa, crítico de arte do Jornal *Correio da Manhã* e conhecedor do trabalho da Dra. Nise, demonstrou grande interesse sobre o assunto. Em seu artigo “Pintores de Arte Virgem” exaltou uma pintura em que:

só importa o valor expressivo, as relações formais... Esqueçam as chamadas características essenciais consagradas dos objetos, para tornar-se sensíveis às alterações trazidas pelos artistas, na sua visão mais pura ou mais profunda, mais simples ou mais complexa, alucinada ou visionária (PEDROSA, 1964, p.105).

Para Pedrosa (1964), essa representação visionária do mundo não era exclusividade dos loucos, mas estaria presente em todo artista, em todo ser sensível. A criação artística recupera a dignidade do sujeito e reúne todos na grande aventura de ser humano.

O trabalho desenvolvido nas oficinas de arte do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB está intimamente comprometido com as transformações na assistência psiquiátrica (CAVALCANTI, 1996, 1997; PITTA, 1996; SARACENO,

1999; CORRÊA, 2002) e aproxima-se da prática preconizada por Silveira (1981), em sua afirmação de que:

a principal função de um ateliê de pintura seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam as preocupações com a ressocialização (p. 13-4).

Parte das atividades realizadas no Ateliê da Vida (ateliê de artes visuais que integra as oficinas de arte do IPUB), e nas oficinas de dança, música e teatro, estão ligadas ao projeto terapêutico multidisciplinar desenvolvido desde 1998 pelo setor de psicogeriatría do IPUB/UFRJ. Para as pessoas da “terceira idade”, as oficinas de arte têm cumprido papel fundamental na melhora da qualidade de vida. Além de proporcionar a atividade artística, e por vezes a possibilidade de aumento do rendimento com a venda das obras, as oficinas são espaços de convivência, favorecendo a ampliação do círculo de relações, comumente restrito às pessoas mais próximas. Percebe-se o quanto é importante o contato, não apenas com pessoas da mesma geração que compartilham valores acerca da vida, mas também com pessoas de diferentes idades. A relevância está nos laços afetivos que se constroem, no cotidiano que se transforma com a inserção do encontro periódico com o grupo, e na troca de experiências sobre o que se produz naquele espaço. A convivência em grupo diminui a ação da solidão e do isolamento social.

A velhice, como destino biológico, é uma realidade que pode tornar-se dramática em consequência da discriminação por conta de fatores psicológicos e sociais. É necessário que se processe o luto pela perda de um corpo jovem, da posição familiar ativa, da posição social e do trabalho, muitas vezes vivenciada como perda do sentido de identidade e valor (AMENDOEIRA, 2000).

Várias dificuldades psíquicas podem se agravar nessa fase. Sabemos que o medo inconsciente da morte aumenta e que, muitas vezes, organizações psíquicas patológicas podem se manifestar através de reações depressivas, paranóicas ou maníacas. As mudanças na capacidade de comunicar-se acompanham o envelhecimento e o adocimento mental, dificultando a manutenção da independência e do bem estar emocional. Ao acompanhar esses pacientes no ateliê, percebemos o quanto é terapêutico o prazer que a atividade criativa proporciona: auxilia-os no resgate de uma certa autonomia e auto-estima. Os pacientes, muitas vezes sem prática artística anterior, vivem a alegria das descobertas – que julgavam perdidas em

potencial. O sentimento positivo de poder estar produzindo arte lhes proporciona melhora no estado de saúde e na qualidade de vida.

Quanto à escolha da atividade terapêutica com arte, deve-se atender a diversos aspectos. Em princípio, qualquer atividade de natureza artística pode ser indicada, pois o valor terapêutico decorre do envolvimento do sujeito com aquela prática. Nesse envolvimento acontece o contato interno, e nesse contato e na concentração promovida por esse movimento se dá a função terapêutica. No entanto, os dons e as preferências pessoais, o estado de saúde de cada pessoa e sua situação socioeconômica podem favorecer ou restringir sua participação. No trabalho oferecido nas Oficinas de Desenho e Pintura do Ateliê da Vida, a concentração individual se faz necessária desde a escolha do material. O ritual de organização do material, o aprendizado sobre sua utilização, limpeza e conservação, são etapas importantes na atividade da oficina. A partir daí, propõe-se a utilização de vários suportes – papéis, telas, madeiras, *eucatex* - portando lápis de vários tipos, pincéis e tintas diversas. O objetivo é elaborar uma imagem onde a harmonia de formas e cores traga satisfação e permita a auto-expressão. Para dar início ao trabalho com a linguagem pictórica, são abordadas as várias texturas dos suportes e suas possibilidades, bem como a utilização dos lápis, pincéis e tintas. A livre experimentação dos materiais é estimulada. Abre-se um leque de possibilidades para criações intencionalmente abstratas ou de construção aleatória, a partir de cópias, interpretações, reinterpretaciones, ou imagens de memória.

Na criação de desenhos e pinturas, é estimulada a descoberta da maneira pessoal de cada um no desenvolvimento de um estilo próprio. É importantíssimo desconstruir o mito segundo o qual o bom trabalho é aquele que se assemelha à imagem produzida pela máquina fotográfica.

Também é fundamental que se desenvolva um olhar mais sensível para tudo o que está à nossa volta. Qualquer lugar deixa de ser uma paisagem conhecida e monótona. O caminho que fazemos diariamente saindo ou retornando para casa, o quarto de dormir e a cozinha de nossa casa possuem uma composição de formas e cores que podem servir de inspiração para um esboço. O mesmo acontece com a paisagem que vemos das janelas de casa ou de um veículo, nas calçadas, nas ruas, e até mesmo nas revistas. Com um olhar vivo, curioso, podemos achar inspiração em tudo que nos rodeia.

Mas, e a inspiração que vem de dentro? É

difícil afirmar limites exatos entre as esferas do mundo interior e do mundo exterior ao sujeito. A conversa ininterrupta entre esses dois mundos é o que nos movimenta, à custa de conflitos e surpresas agradáveis ou não. Movimentar essa conversa entre mundo interno e externo é um dos objetivos da Oficina de Desenho e Pintura. Para tal, vários exercícios são propostos a partir da criação das imagens. No entanto, não cabe ao orientador da oficina interpretar a conexão da imagem que aparece com o mundo psíquico do paciente. O participante é estimulado a estar consciente daquilo que está fazendo e o trabalho é pensado a partir da própria linguagem pictórica e seus elementos: linha, cor, ritmo, direções, composição, equilíbrio, forma, fatura, texturas. Para cada um desses elementos, buscam-se observação e experimentação. É interessante saber misturar as cores, conhecer as primárias, secundárias e terciárias, formar a paleta e aprender a usar as tonalidades e cores complementares. Porém, o objetivo maior é procurar saber qual o tom desejado e apropriado para compor a imagem que se forma, e poder fazê-lo.

Para ampliar a visão sobre a Arte, sobre os artistas e os processos artísticos, conversa-se sobre a História da Arte e apontam-se as características estilísticas de cada época. Trata-se de mostrar os movimentos de ida e volta dos estilos, a valorização das obras e suas relações com os acontecimentos sociais. Enfim, mostra-se a arte como movimento ininterrupto de existência e mudança, convidando cada um a participar dessa experiência coletiva composta por fazeres individuais.

Essa viagem pelo aprendizado, via experiência de um “fazer artístico”, pode ser viabilizada por outras modalidades ou técnicas, como a tecelagem, a modelagem, o teatro, a música, etc. O princípio terapêutico estará no relaxamento das tensões da vida cotidiana, promovido pela absorção da atenção que essas atividades oferecem ao corpo e à mente.

CONCLUSÃO

Percebe-se, nessa experiência, que os pacientes na idade avançada podem assimilar novas representações em sua vida psíquica, experimentar um novo sentido de identidade e reatar contato com fontes internas de vitalidade através da relação com a atividade artística.

Desse modo, a arte é uma tentativa de cada um para dar sentido a suas experiências internas,

assustadoras ou belas, que o identificam como ser humano. Por meio da criação de imagens, de sons, por meio da transformação dos materiais em linguagem, nos tornamos capazes de compartilhar com os outros nossos medos e encantamentos (GULLAR, 1993).

Afinal, a arte é o que congrega, é o que faz com que reconheça-se a presença do humano, não importa em que tempo e em que lugar. Por isso mesmo, a arte pode reunir artistas loucos na comunidade dos artistas, pois a partir dela não é mais o louco que importa, mas aquilo que ele criou e que o ultrapassa. Todo fruto de uma criação traz a dimensão de um mais além de si mesmo, de um se deixar atravessar por algo que nos ultrapassa, de uma abertura para um outro, apontando para a dimensão de reinvenção do mundo e do próprio sujeito. É o que bem expressa Eliane Santos, coordenadora do Ateliê da Vida, em seu depoimento:

"Trabalhar com a arte, a Arte da vida, tem sido um privilégio diário, aguçando em mim um desejo maior de viver. Explicar isso não é tarefa fácil, já que cada um de nós tem uma luta travada consigo mesmo ao procurar um modo de ser feliz. E ser feliz nestes últimos nove anos tem sido um paralelo com o trabalho que venho desenvolvendo no IPUB, fazendo da arte, a arte da vida".

A possibilidade de encantar pessoas que ainda se emocionam quando descobrem a alegria das cores, a pincelada do pincel, a dor e o orgulho de acabar um trabalho e saber que nem sempre a sua criação corresponde à expectativa de beleza do outro, isso tem feito do trabalho desenvolvido no **Ateliê da Vida** uma busca constante no desejo de mostrar caminhos para pessoas que nos procuram, buscando uma vida mais comprometida com a saúde e a felicidade. E vem dessa experiência a vontade concreta de mostrar que a prática artística pode ser um caminho saudável em busca do bem estar. E com um fator importante: não existe idade. É se entregar no colorido das cores, das formas, das linhas, das massas de modelar, e simplesmente deixar a vida correr solta dentro de você. É assumir o seu lado criança no brincar da criação. Não importa que você não seja Miró, Van Gogh, Picasso. Que aos sessenta, setenta, setenta e nove anos, passamos dizer:

No palco da vida, representei melhor porque tive como companheira de estrada a minha arte, e mesmo que o encontro tenha sido mais tarde, foi ela que me mostrou um caminho onde posso amenizar a minha angústia e sentir o privilégio de ter sido presenteado pela vida.

CAVALCANTI, A. M. T.; LOUREIRO, C.; SANTOS, E.; AMENDOEIRA, M. C. R.; CAVALCANTI, M. T. Can the art be therapeutic? Reflections starting from the work developed with patients of the “third age” in the atelier of the life of the Institute of Psychiatry of UFRJ – IPUB. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 118-22, set./dez. 2003.

ABSTRACT: The work with the artistic expression in the atelier of visual arts integrates the workshops of art of the Institute of Psychiatry of the Federal University of Rio de Janeiro - IPUB, Atelier of the Life and it is part of the multidisciplinary therapeutic project developed in the psychogeriatrics section, which is intimately committed with the transformations in the psychiatric attendance. The art workshops have been accomplishing therapeutic and fundamental paper in the improvement of the life quality for people with more than sixty years old. Besides providing the artistic activity, they are also coexistence spaces favouring the amplification of the circle of relationships, reducing the action of the solitude and of the social isolation that frequently accompany the aging. The age as biological destiny is a reality that can become dramatic in consequence of the discrimination due to psychological and social factors. Several psychic difficulties can become worse in that phase because the unconscious fear of the death increases and pathological psychic organisations can show through depressive, paranoid or maniacs reactions. The artistic activity developed with those patients in the atelier aids them in the ransom of your autonomy and self-esteem. We have noticed, in that experience, that the patients in the advanced age can assimilate new representations in your psychic life, trying a new sense of identity and reattaching the contact with internal sources of vitality through the relationship with the creative activity. This way, the art is an attempt of each one to give sense to your internal experiences that identify them as human being.

KEY WORDS: Aged. Art therapy. Sheltered workshops.

REFERÊNCIAS

AMENDOEIRA, M. C. R. **A avaliação da satisfação em serviços psicogeriátricos:** um estudo sobre idosos com deficiência cognitiva em serviços aberto e fechado. Rio de Janeiro, 2000. 178p. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CAVALCANTI, M. T. Ética e assistência à saúde mental. In: FIGUEIREDO, A. C.; SILVA FILHO, J. F. (Org.). **Ética e saúde mental**. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p.73-84

CAVALCANTI, M. T. **A trama do tear:** sobre o tratamento em psiquiatria. Rio de Janeiro, 1997. 288p. Tese (doutorado) – Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CÉSAR, O. **A expressão artística nos alienados**. São Paulo: Hospital de Juqueri, 1929. 175p.

CORRÊA, D. A. **Arthur Bispo do Rosário:** sua trajetória como artista plástico. 2002. 151p. Dissertação (mestrado) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

FRANCASTEL, P. Dimensões da expressão figurativa. In:

FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 21-48.

GULLAR, F. **Argumentação contra a morte da arte**. 2.ed. Rio de Janeiro: Revan, 1993. 135p.

MELLO, L.C. Flores do abismo. In: **Mostra do redescobrimto:** Brasil 500 e mais: arte do século XIX. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000. p.34-45.

PAREYSON, L. **Estética:** teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993. 326p.

PEDROSA, M. Pintores de arte virgem. In: PEDROSA, M. **Dimensões da arte**. Rio de Janeiro: MEC, Serviço de Documentação, 1964. p.105-15.

PITTA, A. **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996. 158p.

SARACENO, B. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Te Corá, Instituto Franco Basaglia, 1999. 175p.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 4.ed. Brasília, DF: Alhambra, 1981. 346p.

Recebido para publicação: Julho de 2003

Aceito para publicação: Agosto de 2003